

A VIDA CANCIONEIRA DO SERTÃO PROFUNDO DE ELOMAR FIGUEIRA MELLO

Eduardo Bastos¹



Fonte: Eduardo Bastos²

O senhor tolere, isto é o sertão.
Guimarães Rosa

Próximo ao átrio receptivo da Casa dos Carneiros, pelo qual se chega através de uma rampa, está a Sala Dos 7 Candeeiros, atualmente, um pequeno teatro - Teatro Escola Lírica Mineira - para duzentos convivas. A sala artística se abre em meio a um local naufragado no espaço e tempo, deslocado dos circuitos culturais de qualquer centro urbano. Esta casa dos Carneiros fica num povoado chamado Gameleira, localizado a 19 km de Vitória da Conquista, destacada cidade do sudoeste baiano. Um ambiente *roçaliano*, seco, áspero nessa quadra de outubro. Uma *locanda* envolta em pó e fumaça de lenha. Bonitos, os candeeiros dispostos nas paredes - seis dentro e um fora - completam a mística daquela canção: *Lá na Casa dos*

¹ Doutorando em Artes Cênicas pelo PPGAC/UFBA - Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas - Universidade Federal da Bahia. Contato: dudabastosduda@gmail.com

² BASTOS, Eduardo. **Candeeiro do Teatro Escola Lírica Mineira**, Casa dos Carneiros, junho, 2009.

Carneiros, sete candeeiros iluminam a sala de amor. Sete violas em clamores, sete cantadores, são sete tiranas de amor, para amiga em flor que partiu e

*até hoje não voltou*³. Para quem conhece e chega, abre-se um portal atávico, de estesias. Para quem não o sabe, não existe catarse.

O anfitrião, já fora das horas mortas⁴, degusta café e pão. Sinal de que cheguei atrasado. Em seguida não demora a contação de histórias começar, e notícias de outras sendas são permitidas numa troca aprazível de saberes e novidades. Fico impressionado com o cuidado e amor na construção do teatro. No sonho do *Bode*, como o trato carinhosamente, ele acordou espetáculo que encena enquanto vive, respira. Embora rejeite a exploração de sua imagem, se permite a certas câmaras cênicas para elaborar-se performaticamente. Vou e volto em circunstâncias ao passeio naquele local e a imagem que me toma é cheia de reverberação nas histórias do cancionista Elomariano. Aquela acústica teatral cria e dispersa sonidos, e, logo testo o ambiente, a pedido do próprio Elomar. Arrisco uns versos de uma canção. Ele fica paloso em reconhecimento ao seu grandioso artefato, ao templo da cantoria que torrou, e se gaba por mim do meu gosto em ali estar.

Perto dali, longe de qualquer razão mercadológica, Elomar refugia-se para distante dos olhares e companhias desnecessárias. Sua economia da auto-imagem parece muitas vezes, segundo Jerusa Pires Ferreira, ser uma vingança ao próprio corpo. Talvez. Todo artista traz sua parcela de vaidade e os anos são como lâminas a lhes cortar. Ferido, fica-se exposto nas rugas difíceis. Mas encontro nesse fato do *meso-exílio* desse cantador, uma presença cavalheiresca que precisa ser visitada. E eu preciso visitá-lo. Ouvir Elomar é sentir algo afogado na *ninguendade*⁵. Não é música brasileira. A MPB ou variações dos títulos para a música brasileira, para o texto academicamente instituído como brasileiro, não encontra enunciados na sua musicalidade e poética. Não me parece de lugar algum. A não ser por um aspecto: pertencer ao território geográfico do país. Elomar não tem a cara do nacional, de baluarte da pátria ou coisa parecida. Nem tão pouco o estandarte da música regional. Mesmo

³ Cantiga de Amigo. MELLO, 1973, faixa 09.

⁴ As horas da morte de Jesus Cristo, entre 15h00 e 17h00 da tarde.

⁵ RIBEIRO, 2006, pg. 410.

porque o regional, visitando Bourdier⁶, é um terreno perigoso, que traz mais ficção que identidade. Aliás, que identidade? Mas o que é então?

É sertão profundo.

Uma concórdia para além dos costumes, cultura rural ou saberes linguísticos. Panacéia de memórias esparsas no tempo e lugar. O sertão profundo é mundo filosófico, outro fulgurado por um sol diferente. É a impossibilidade metafísica do desprendimento, altitudes poéticas e musicais que se abrem em resultantes. As obras de Elomar não são resultados de alguma cultura específica, mas produções de algo que vem de longe, de outras *quadras*, de outra física e atravessa o corpo inteiro do artista. Algo que não vem da paisagem, na idéia de Merleau Ponty⁷, mas a ela se mistura e completa. A conjuntura do habitat apresenta a história e a cultura rural para Elomar, este se reveste do *sertanês* e a produção artística passeia pelas palavras e linguagens dialetais. Recebe as doses de nordestinidade.

Tudo acidente no percurso.

O idioma sertanês – em suas múltiplas variações do português - apresenta-se como *elã* na construção do inteligível, na afirmação de labirintos dos versos: “(...) *i antes ofereceu o mote, pro sacco do saqué, e o cassote c’u pote deixo o quati só cu’a fé de qui dent’o do tal pote inda tinha algum café (...)*”⁸. Tudo isso para não ser descoberto facilmente, pra ficar ali escondido, vendo o romper gota a gota, da arte profética, *sertaneza*, escatológica e bela. Para poucos, bem poucos. Distante das esquizofrenias capitalísticas – nem por isso alheio ao *sustento*. Não cede, não empresta, nem vibra com *urbanóides*⁹. Tem alma boêmia e se refaz em alegria contando histórias que lembram mais o Pantaleão de Chico Anísio que as invenções de vaqueiros e comadres da caatinga. Não entende a indústria da cultura artística e não faz pacto com os lobos. Mas se apresenta telúrico, capitão, príncipe, vaqueiro na roupagem de música lúgubre e por demais épica, ofertando generosamente o seu imaginário e causos de ciganos.

Ergo todas essas idéias com uma xícara de café forte. As horas arrematam o tempo, que passa lamentavelmente. Mas no cair da noite, lá na Casa dos Carneiros, o teatro Escola Lírica Mineira está aceso: *sete candeeiros iluminam a sala de amor*.

⁶ BOURDIEU, 2005, pg. 108.

⁷ PONTY, 2006, pg. 03.

⁸ **Desafio**. MELLO; MARQUES; XANGAI, 1984a, CD II, faixa 02.

⁹ Urbanóides são, de acordo com Elomar, os cidadãos que vivem na *Urbis* e discriminam as culturas campestres.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MELLO, Elomar Figueira; MORAES, Vinícius de. *Das barrancas do Rio Gavião*. [S.l.]: Philips, 1973. 1 CD. Distribuído pela Polygram.

_____; MARQUES, Décio; XANGAI, Eugênio Avelino. *Auto da Catingueira*. Manaus: Sonopress 1984a. 2 CDs. Editora e Gravadora Rio Gavião.

PONTY, Maurice Merleau. *Fenomenologia da Percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.